



CASA Grande. Direção: Fellipe Barbosa.
 Produção: Iafa Britz, Fernanda De Capua e
 Mauro Pizzo. Rio de Janeiro: Migdal Filmes,
 2014. 105 min.

EDUARDO RODRIGUES

Me. Geografia (UFRJ)

Professor do Colégio Pedro II – Campus Realengo II

eorodrigues@gmail.com

O filme “Casa Grande” evoca uma alegoria capaz de dialogar diretamente com a Geografia: a dimensão espacial e multiescalar da profunda segregação da nossa sociedade em termos econômicos, políticos, étnicos e de gênero. “Casa Grande” (e “Senzala”) são arranjos espaciais que remontam ao período do Brasil-Colônia, embora tenham adquirido maior notoriedade através da obra homônima de Gilberto Freyre, lançada em dezembro de 1933. O diretor e roteirista Fellipe Barbosa propõe, através do filme, uma reflexão crítica (e, muitas vezes, até demasiadamente didática) das práticas sociais das famílias notadamente (mas não exclusivamente) da elite brasileira. O exercício proposto por Fellipe vai além do microespaço do cotidiano familiar. A partir dele, o espectador é convidado a perceber como a alegoria da “Casa Grande e Senzala” é ainda muito viva na própria forma e conteúdo da maioria das cidades brasileiras, onde os componentes étnicos e de gênero da segregação socioespacial encontram também questões fundamentalmente de cunho econômico. O cotidiano de uma família decadente da elite carioca é assim tomado enquanto fio condutor da narrativa, que possui como outro componente importante da trama as contradições da cidade do Rio de Janeiro.

O filme chega aos olhos do espectador através da ótica do adolescente Jean (Thales

Cavalcanti), um jovem branco de uma família rica carioca que vive os dilemas de uma vida confortável em seu seio familiar. Em seu cotidiano, Jean mora numa mansão junto com o pai Hugo (Marcello Novaes), a mãe Sônia (Suzana Pires) e a irmã Nathalie (Alice Melo). A dinâmica familiar da “Casa Grande” remonta a todo momento às alegorias freyrianas usadas para explicar a formação social brasileira há mais de oitenta anos. A família é dominada pelo patriarca Hugo, um homem de negócios que tenta a qualquer custo manter as aparências da família num cenário de crise das suas finanças. Sônia faz o papel de “boa esposa”: cuida dos filhos, é obediente ao marido e ainda “complementa” a renda familiar em tempos de crise lecionando aulas particulares de francês – língua em franca decadência no mundo e que no enredo fílmico é quase um sintoma da própria decadência aristocrática da família. Os filhos – Jean e Nathalie – seguem suas vidas centradas na rotina dos estudos, sendo que Nathalie praticamente não tem direito a voz no filme. Ela acaba, muitas vezes, silenciada pelo próprio pai e irmão, numa clara alusão às estruturas familiares patriarcais brasileiras. O irônico é que ela talvez seja a pessoa que consiga ter a maior sensibilidade e perspicácia diante dos problemas que a família atravessa, apesar do silenciamento.

Um ponto notável do filme é que a

dimensão espacial da segregação é quase uma personagem ao longo da narrativa. No núcleo familiar da “Casa Grande”, ela ganha formas explícitas na relação estabelecida entre a família de Jean e os seus empregados. Cada classe possui territórios bastante definidos na casa: os empregados transitam pelos espaços predominantemente do trabalho como a cozinha e a área de serviço, enquanto aos patrões são destinados notadamente os espaços do lazer, das refeições, do descanso e da leitura. Só que tal divisão não é construída por um viés maniqueísta através da guerra moral entre o “bem” e o “mal”; na verdade, os personagens dentro da “Casa Grande” convidam o espectador a refletir sobre a complexidade das relações entre diferentes classes sociais em nosso país, quando muitas vezes desigualdades políticas e econômicas caminham lado a lado à outras formas de opressão como questões étnicas e de gênero. O perfil predominantemente negro dos empregados, sua origem pobre, a presença de mulheres como gênero responsável pelas rotinas domésticas, ou ainda o fato de parte deles serem imigrantes nordestinos balizam o desenvolvimento de relações conflituosas de afeto entre patrões e empregados – em especial quando cada um deles transita pelo território hostil do “outro”.

Mas o papel da segregação não se limita à escala do espaço familiar. Como apontado anteriormente, a narrativa se encontra com as contradições do urbano através das aventuras de Jean pelo Rio de Janeiro. Depois da demissão do motorista particular da família, ele é obrigado a ir à sua escola (o Colégio São Bento, tradicional instituição de ensino da elite carioca) de ônibus. Isto acaba por abrir novas percepções do jovem sobre a cidade onde ele vive e, conseqüentemente, sobre as relações estabelecidas em seu seio familiar. Em meio ao contato com uma realidade até então distante, Jean conhece a jovem Luiza (Bruna Amaya), estudante do Colégio Pedro II e moradora da Rocinha. O encontro faz florescer um relacionamento amoroso entre eles, o que aprofunda ainda mais o contato de Jean com um mundo fora do seu lugar. Apesar de Fellipe Barbosa

apostar numa fórmula já desgastada no cinema – um “amor impossível” (ou ao menos improvável) entre jovens de classes sociais e cores diferentes numa cidade como o Rio de Janeiro – a relação entre Jean e Luiza abre caminho para o debate de uma série de questões importantíssimas para a sociedade brasileira atual, em especial para os jovens. Questões como as políticas afirmativas nas universidades públicas, meritocracia, virgindade feminina, machismo entre outras são levantadas na medida em que os dois entrelaçam intimamente suas vidas.

De modo geral, o filme “Casa Grande” possui valor não só enquanto obra artística. Pelo seu viés crítico, ele também pode ser usado como ferramenta valiosa de cunho pedagógico nas aulas de Geografia por possuir uma sensibilidade espacial notável e uma abordagem clara e didática sobre diferentes problemas. Às vezes até com um certo “exagero” na clareza e objetividade na hora de abordar algumas questões (mas que, para o uso didático, pode até mesmo ser um “trunfo”). Seja como for, diferentes temas que compõem os currículos, principalmente do Ensino Médio, podem ser articulados com o filme, desde discussões que agregam questões ligadas à segregação socioespacial, formação do território brasileiro, geografia da população, entre outros, como também o debate sobre conceitos caros ao ensino de Geografia como território e lugar. Dentro ou fora da sala de aula, “Casa Grande” é um novo filme que chega para nos ajudar a pensar, problematizar e discutir o Brasil e os seus inúmeros problemas.

Ficha Técnica

Direção: Fellipe Barbosa
Roteiro: Fellipe Barbosa e Karen Sztajnberg
Elenco principal: Thales Cavalcanti, Marcello Novaes, Suzana Pires, Georgiana Góes, Clarissa Pinheiro
Produção: Iafa Britz, Fernanda De Capua e Mauro Pizzo
Montadores: Nina Galanternick e Karen Sztajnberg
Fotografia: Pedro Sotero
Distribuição: Imovision
Lançamento (Brasil): 16/04/2015